

## As louças pintadas do castro de Santa Olaya

Laboriosas investigações, feitas durante tres annos, levaram-nos á persuasão de que o monticulo de Santa Olaya, situado sobre os campos da margem direita do Mondego, entre Maiorca e Montemor-o-Velho, foi um castro lusitano, cujos habitantes receberam o baptismo da civilização romana.

Tinhamos já explicado a presença de muitos artefactos, principalmente os ceramicos, com feição primitiva, que faziam lembrar os tempos neolithicos, e de outros que poderiam pertencer á primeira epocha da idade dos metaes, chegando á conclusão de que todos, indistinctamente, pertenciam em realidade á plena epocha de ferro, quando o dominio romano avassalou a peninsula.

Mas um factó restava inexplicavel para nós: era a presença de louças finas, trabalhadas á roda, algumas com fórmás exóticas e pintadas externamente. Tinhamos restaurado parte d'um grande vaso sem collo, com duas asas de fórmula elliptica medindo no diametro interno da bôca 0<sup>m</sup>,16 aproximadamente, cujo bojo augmentava gradualmente de diametro da bôca para a parte inferior, apresentando a restauração a fórmula de um grosso cone truncado, mas sem vestígios do fundo; e esse vaso conservava na superficie externa restos de faxas pintadas a vermelho e branco, que seguiam o contôrno do bojo.

Tambem tinhamos restaurado o boccal de outro grande vaso, medindo no diametro interno 0<sup>m</sup>,19, com uma pequena porção do bojo, assim como uma parte d'este em separado, que apresentavam a superficie externa listrada transversalmente a vermelho e negro.

Alguns fragmentos de outros vasos eram inteiramente pintados a branco, outras a cinzento e com uma faxa vermelha junta ao bordo, e um em parte ornamentado com faxas vermelhas e brancas e noutra com traços vermelhos cruzando-se sobre fundo branco e formando lozangos.

A estrutura da pasta d'estas louças, a sua semelhança com outras não pintadas e a fórmula da segunda peça restaurada pareciam denunciar uma origem romana; mas a fórmula indicada pela primeira restauração e a pintura? Tal era o nosso problema.

Essa fórmula não nos appareceu em estações genuinamente romanas do Algarve. Pertenceria só aos primeiros tempos do dominio romano, em que o castro foi habitado? Seria uma fórmula caprichosa e excepcional? A primeira hypothese não repugnava, porque em Santa Olaya tambem ainda não apparecia essa ceramica coberta de uma espécie

de verniz vermelho, com apparencia de coral, que alguns archeologos estrangeiros denominaram *samiãna*, e que era imitação da ceramica de Arezzo. A ceramica aretina é do seculo I antes de Christo, e as imitações só posteriormente parecem ter-se generalizado em todas as provincias romanas. Nós encontrámos vestigios d'ellas em Marim e na Bôca-do-Rio, em Budens, e vasos inteiros ou quasi inteiros na necropole da Fonte-Velha, em Bensafrim, estações evidentemente posteriores á de Santa Olaya.

Entretanto de colorido em vasos reconhecidamente romanos só tínhamos visto os exemplares com esse verniz. Estacio da Veiga dizia ter encontrado no Algarve, entre louças romanas, restos de vasos de fina argila vermelha, pintados de preto interna e externamente, e de outros vasos pintados de amarello com veios vermelhos nos dois lados<sup>1</sup>. Seriam effectivamente romanas? Nós tambem tínhamos recolhido á superficie do solo, proximo á area da necropole romana de Fonte-Velha, alguns fragmentos de um vaso de argila vermelha, bastante fina, pintado externamente de negro, que podia ser alguma urna cineraria; mas a verdade é que nos depositos funerarios d'essa necropole não recolhemos exemplar algum de semelhante louça.

Por outro lado o mesmo Estacio da Veiga pensava que os arabes tambem tinham usado na peninsula louças pintadas, visto ter encontrado restos de vasos de argila amarella com pinturas, que classificara como arabes<sup>2</sup>. Nem isto surprehende, porque a pintura das louças era antiquissima no Oriente, já os phenicios tinham espalhado esta ceramica na Syria. Perrot e Chipiez, referindo-se, por exemplo, a vasos d'essa especie encontrados no subsolo de Jerusalem, exprimem o seguinte conceito: «Or ces motifs, lignes parallèles qui donnent des bandes alternativement claires et foncées, lignes qui se coupent sous divers angles, points blancs qui s'enlèvent sur la teinte sombre, carrés, lozanges, triangles et méandres, sont de ceux que nous a offerts, bien des fois répétés, la poterie cypríote. On ne saurait refuser de reconnaître ici des ouvrages phéniciens, soit importés des villes du littoral, soit fabriqués à Jérusalem même par des artisans étrangers<sup>3</sup>».

Seriam arabes as louças pintadas de Santa Olaya? A affirmativa tambem não repugnava. Alli existiu um castello, que foi occupado pelos arabes: pertencia á linha das fortificações avançadas que defendiam Coimbra.

<sup>1</sup> *Antiguidades monumentaes do Algarve*, II, 352.

<sup>2</sup> *Ob. cit.*, II, 425.

<sup>3</sup> *Histoire de l'Art*, IV, 456.

Nestas dúvidas fomos surpreendidos pela notícia de que na necropole romana da Mony-Bury haviam apparecido muitos vasos pintados<sup>1</sup>. A notícia podia não ter novidade em França e noutros países onde se tem estudado a fundo a archeologia romana; mas para Portugal o caso era diverso, porque todos aquelles a quem tinhamos interrogado sobre a pintura nas louças romanas nada puderam informar-nos.

Foi então que proseguimos com mais ardor a exploração do *crasto*, a leste do Casal da Serra, na freguesia da Brenha, estação contemporanea da de Santa Olaya, recolhendo com todo o cuidado quantos fragmentos da ceramica appareciam, a fim de procurarmos entre elles algum exemplar com pintura; mas não obtivemos resultado.

Em seguida fomos explorar o sitio das *Chães*, a uns 200 metros para o norte da Brenha, onde descobrimos quasi na planicie outra estação contemporanea d'aquellas. Ahi é que tivemos a fortuna de recolher, entre os rebotalhos de uma ou duas habitações, uns fragmentos de pratos romanos com vestigios de pintura vermelha.

O deposito, no nivel em que estes objectos foram encontrados, estava virgem de remeximentos. Nenhuma dúvida nos ficou de que eram contemporaneos da outra louça, caracteristica dos castros luso-romanos, alli recolhida; o que não podiamos dizer com segurança dos exemplares de Santa Olaya.

D'este modo, se o nosso problema não ficou inteiramente resolvido, é certo, pelo menos, que as louças pintadas de Santa Olaya podem agora, com muita probabilidade, reputar-se romanas.

Isto servirá de aviso aos que explorarem estações da mesma epocha em Portugal, devendo advertir que, sendo as pinturas raras e estando geralmente muito deterioradas, convem aproveitar todos os fragmentos de ceramica mais fina que se encontrarem nas explorações, e lavar com o maximo cuidado principalmente aquelles que tiverem a pasta avermelhada e muito macia.

A. SANTOS ROCHA.

---

«.....o estudo do passado não é uma vaidade inutil».

A. HERCULANO, *Opusculos* (1886), v, 122.

---

<sup>1</sup> *Revue Encyclopédique*, anno vi, n.º 131, pag. 170.